



Perspectivas ideológicas nas traduções de Romanos 1.1-7 das edições das Bíblias em língua portuguesa: um exercício crítico

Ideological perspectives in the translations of Romans 1.1-7 from the Portuguese language editions of the Bibles: a critical exercise

PAULO ROBERTO PEDROZO ROCHA ^a
FRANCISCO BENEDITO LEITE ^b

Resumo

No presente ensaio realizamos um exercício de comparação entre as traduções de Romanos 1.1-7 em dez edições da Bíblia em língua portuguesa, a saber: Novo Testamento Interlinear, A Bíblia de Jerusalém, Tradução Ecumênica da Bíblia, Nova Versão Internacional, Bíblia do Peregrino, Bíblia Sagrada Ave Maria, Almeida Revista e Atualizada, Almeida Revista e Corrigida, Nova Tradução Linguagem de Hoje, Tradução de Frederico Lourenço, Nova Bíblia Pastoral. Nossa análise crítica ressalta a ideologia e a intencionalidade nas perspectivas das opções de tradução feitas nas diversas Bíblias mencionadas.

Palavras-chave: Bíblia. Comparação. Tradução. Perspectiva. Romanos.

^a Faculdade Messiânica (Fundação Mokiti Okada), São Paulo, PR, Brasil. Doutor em Filosofia, e-mail: philia_pr@yahoo.com.br

^b Faculdade Messiânica (Fundação Mokiti Okada), Cidade, UF, País. Doutor em Filologia e Língua portuguesa, e-mail: ethnosfran@hotmail.com

Abstract

In the present essay, we carry out a comparison exercise between the translations of Romans 1.1-7 in ten editions of the Bible in Portuguese, namely: Interlinear New Testament, The Jerusalem Bible, Ecumenical Translation of the Bible, New International Version, Pilgrim's Bible, Holy Bible Ave Maria, Almeida Revised and Updated, New Translation Today's Language, Translation by Frederico Lourenço, New Pastoral Bible. Our critical analysis highlights the ideology and intentionality in the perspectives of the translation choices made in the various mentioned Bibles.

Keywords: Bible. Comparison. Translation. Perspective. Romans.

Introdução

Nosso ensaio constitui-se da seguinte forma: em primeiro lugar, como é de se esperar de qualquer proposta de exercício e discussão sobre tradução, nós apresentamos o texto grego da perícopé de Romanos 1.1-7, conforme a 28ª edição do Novo Testamento Nestlé-Aland. Em seguida, propomos nossa própria tradução da referida perícopé. Na sequência, isso é, antes de começarmos a comparar e discutir as traduções, realizamos alguns comentários histórico-literários sobre Romanos para situar o leitor no âmbito exegético da leitura bíblica. Também fazemos considerações sobre as perspectivas de tradução que serão expostas a seguir. Finalmente comparamos as traduções e as discutimos, de acordo com os critérios estabelecidos, que são as perspectivas de tradução: literal, erudita, teológica e a explicativa. Ao fim, comentamos o resultado ao qual chegamos por meio do exercício crítico realizado.

Nosso procedimento metodológico é estritamente comparativo e linguístico, pois comparamos as traduções com o texto grego e discutimos as motivações ideológicas, religiosas e até mercadológicas que levaram as edições da Bíblia elencadas a fazer suas escolhas e a seguir determinadas perspectivas.

Para tornar o artigo útil para um maior número de estudiosos, e não exclusivamente para os hiperspecializados em tradução bíblica, a cada termo grego citado (o mesmo vale para o único termo hebraico mencionado), colocamos entre parenteses a transliteração.

Previamente podemos dizer que os resultados aos quais chegamos com a comparação e a discussão sobre as opções feitas pelas principais edições da Bíblia em língua portuguesa são que as decisões tomadas pelos tradutores não se justificam linguisticamente, mesmo que sejam plausíveis em certos aspectos, portanto o exercício de traduzir Bíblia, como o de traduzir qualquer outro livro, acompanha a ideologia.

Texto grego e proposta de tradução

Ἐπιπαιθετός δοῦλος Χριστοῦ Ἰησοῦ, κλητὸς ἀπόστολος ἀφωρισμένος εἰς εὐαγγέλιον θεοῦ, ὃ προεπηγγέλματο διὰ τῶν προφητῶν αὐτοῦ ἐν γραφαῖς ἁγίαις ὅτι ἐκ σπέρματος Δαυὶδ κατὰ σάρκα, ἡτοῦ ὀρισθέντος υἱοῦ θεοῦ ἐν δυνάμει κατὰ πνεῦμα ἁγιωσύνης ἐξ ἀναστάσεως νεκρῶν, Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν, δι' οὗ ἐλάβομεν χάριν καὶ ἀποστολὴν εἰς ὑπακοὴν πίστεως ἐν πάνσιν τοῖς ἔθνεσιν ὑπὲρ τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ, ἐν οἷς ἐστε καὶ ὑμεῖς κλητοὶ Ἰησοῦ Χριστοῦ, πάνσιν τοῖς οὖσιν ἐν Ῥώμῃ ἀγαπητοῖς θεοῦ, κλητοῖς ἁγίοις, χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ.

¹Paulo, escravo de Cristo Jesus, escolhido apóstolo separado para a boa-notícia de Deus, ²a qual fora prometida por meio de seus profetas em escrituras santas ³a respeito do filho dele, nascido da semente de Davi, segundo a carne, ⁴designado filho de Deus em poder, segundo um espírito de santificação de ressurreição de mortos. Jesus Cristo, o nosso senhor. ⁵Por meio do qual recebemos graça e apostolado para obediência de fé em todas as nações pelo seu nome. ⁶Entre as quais estão vocês também, eleitos de Jesus Cristo. ⁷A todos vocês que estão em Roma, amados de Deus, escolhidos santos, graça a vós e paz de Deus, nosso pai, e do senhor Jesus Cristo.

A respeito de Romanos 1.1-7

No que diz respeito ao seu gênero, a perícopes bíblica que delimitamos é uma saudação que segue o padrão recorrente das cartas paulinas autênticas. O apóstolo Paulo se apresenta como autor da

correspondência, professa uma fórmula cristológica e saúda seus interlocutores com seu cumprimento típico: “graça e paz” (CARDOSO, 1996).

Nota-se que o modo como Paulo se comunica com a comunidade de Roma remete à oralidade. Parece que os crentes de Roma são seus amigos próximos, mas, na verdade, a igreja de Roma não foi fundada pelo apóstolo, e é possível que ele tenha conhecido pessoalmente apenas poucas pessoas daquele grupo (VIELHAUER, 2005).

Sobre o *Sitz im Leben* do texto, podemos dizer que, nesse caso, a saudação da epístola aos Romanos tem sua manifestação concreta na vida da igreja quando pregadores se colocam diante da comunidade, saúdam seu auditório com cumprimentos típicos, apresentam-se e confessam uma ou mais fórmulas cristológicas para expressar a comunhão partilhada entre ele e seus ouvintes.

Klaus Berger (1998) entende que, quanto à forma literária, a perícope de Romanos 1.1-7 deve ser classificada como *apostolikon*, dado que recebem esse nome as típicas autoapresentações apostólicas que estão nas cartas neotestamentárias atribuídas aos apóstolos, quer autênticas quer inautênticas.

Quanto à cronologia, Romanos provavelmente foi uma das cartas paulinas que foi escrita por último. Ao lado de Filipenses e Filemon, Romanos foi incluída no grupo de cartas de maturidade ou cartas de prisão, pois parece certo que a essa altura de sua vida, o apóstolo Paulo era prisioneiro em Roma. Isso significa que o documento certamente não pode ter sido escrito depois de 60 d.C. Por isso, Vouga afirma que a carta deve ter sido elaborada entre 55 e 57 (2012. p.222).

Mesmo que nas comunicações epistolares a saudação seja considerada um elemento pré-textual, e por isso a exploração de seus significados não seja alvo de tanto interesse dos leitores, no caso dessa carta que Paulo enviou para

Roma, há desde o início um teor altamente teológico, o qual pode ser indicado pela utilização de palavras-chave do vocabulário paulino, tais como “evangelho”, “fé”, “graça” e “ressurreição dos mortos”.

Quanto à linguagem em que Paulo escreve esse documento, tanto Koester (2005) quanto Wallace (2009) consideram uma língua mediana, em vista daquelas nas quais o Novo Testamento foi escrito. O modo como Paulo utiliza a língua grega não é tão elevado quanto Hebreus e a obra lucana, mas também não é tão vulgar quanto os estilos de escrita de Apocalipse, Marcos e João.

Perspectivas de tradução

Entedemos, conforme Fiorin (1993), que as ideologias se dão como visões de mundo, sendo que algumas delas estão presas às formas fenomênicas da realidade, enquanto outras as ultrapassam. Isso significa que a língua, como fenômeno que constrói o mundo, não está isenta de ideologia.

Se não há linguagem pura que expresse ou pretenda expresar a coisa em si, o que há são diversos tipos de discursos motivados. Essas motivações também podem ser chamadas perspectivas. No caso, pretendemos mostrar como essas perspectivas, que não deixam de ser ideológicas, estão atreladas às dez traduções da Bíblia em língua portuguesa que analisamos.

Há muitos modos possíveis de se comentar sobre essas perspectivas de tradução da Bíblia. Aqui renunciamos à terminologia tradicionalmente utilizada pelos exegetas e filólogos em geral (equivalência dinâmica e formal e dinâmica), ao invés disso propomos aqui nomes para as perspectivas de acordo com o que verificamos nas traduções analisadas.

De acordo com essa percepção, em primeiro lugar, propomos existência da perspectiva literal, que é aquela preocupada em manter na língua de chegada um correspondente de cada palavra da língua de saída. Mesmo que

isso não seja possível em todos os momentos, essas traduções esforçam-se por proceder assim.

Em seguida, está a perspectiva erudita, que é aquela que se preocupa, em primeiro lugar, com o uso da linguagem tradicional, sobretudo no que diz respeito à escolha do vocabulário erudito da língua portuguesa, ainda que se diferencie significativamente do modo como as pessoas falam no dia a dia por incluir palavra em desuso.

Também entendemos que existe a perspectiva de tradução teológica, a qual a qualquer custo tenta salvar as expressões teológicas ao verter o texto bíblico para outro idioma e deixa esse aspecto se sobrepôr ao linguístico.

Por fim, apontamos também para a tradução na perspectiva explicativa, isso é, aquela que apresenta a tentativa de tornar o texto traduzido mais palatável para seu público leitor contemporâneo, e para fazer isso se obriga a inserir termos explicativos na sua tradução.

A utilização dessa terminologia se mostrará mais clara nos comentários feitos a seguir. Por enquanto, apenas devemos dizer que entendemos que uma mesma edição da Bíblia pode ter sua tradução orientada ao mesmo tempo por mais de uma dessas perspectivas que acabamos de descrever. Apontaremos esses efeitos na prática no texto a seguir.

Comparação das traduções de Romanos 1.1-7

Começamos por dizer que nem mesmo o *Novo Testamento Interlinear* (2004) está isento de críticas, basta notar que, na linha correspondente ao texto em língua portuguesa, seu texto insere o artigo definido entre parênteses em vários momentos em que não está presente em língua original. A língua grega possui artigos definidos, assim como os temos na língua portuguesa; se o autor quisesse colocá-los no texto, tê-los-ia escrito – e isso

esclareceria que sua intenção é definir os termos nominais que estão na sequência dos artigos. No entanto, quando não há artigo antes de substantivos, a tradução deve colocar um artigo indefinido (um ou uma), pois o artigo indefinido não possui correspondente na língua grega, e sua função é reconhecida pela ausência de artigo definido. Salvo exceções que são feitas por causa do estilo em língua portuguesa, a tradução deve manter o uso dos artigos conforme o texto original se quiser ser fiel à proposta da língua original

Assim, ao menos os artigos definidos que foram colocados antes de Escrituras (v.2) e espírito (v.4) no texto do *Novo Testamento Interlinear* (2004) deveriam ser evitados para não alterar deliberadamente o sentido pretendido pelo autor. Observe que caso se coloque “as” antes de “Escrituras”, presumir-se-á que essas escrituras já formam uma espécie de cânon sagrado e isso é absolutamente anacrônico. Paulo não presumia a existência das Escrituras Sagradas, mas sim de escrituras sagradas. O mesmo ocorre quanto à colocação do artigo antes de “espírito” para transformá-lo no Espírito Santo, conforme as doutrinas desenvolvidas nos concílios ecumênicos que Paulo estava muito longe de presumir, por isso referia-se a “um espírito de santidade”. O mesmo se aplica a colocar letra maiúscula em “Pai”. Em outros casos, se a tradução preferir inserir os artigos para não prejudicar o estilo do texto em língua portuguesa, pode fazer isso colocando alguma sinalização nesses artigos definidos que não fazem parte do texto escrito em língua original, algo como fez Frederico Lourenço (2018) ao utilizar colocar alguns artigos dentro de colchetes.

Sabemos que esse tipo de coisa ocorre no *Novo Testamento Interlinear* (2004) porque a editora que o publica, a Sociedade Bíblica do Brasil, é a mesma que publica várias versões da tradução da Bíblia por João Ferreira de Almeida. Nesse sentido, manter os padrões da Almeida no texto interlinear significa preservar sua legitimidade. Além disso, no que diz respeito à comercialização de Bíblias, a Sociedade Bíblica do Brasil atende a um grande público de

evangélicos conservadores que não gostam de traduções que se afastam da tradicional leitura que estão acostumados a fazer por meio das versões amplamente divulgadas de João Ferreira de Almeida. Nesse caso, há uma questão comercial que determina as opções de tradução que estão no *Novo Testamento Interlinear* (2004), que deveria ser tão literal quanto possível.

Note que o *Novo Testamento Interlinear* (2004) mantém na linha das palavras correspondentes do português algumas palavras que muito evidentemente não são as melhores opções para os termos bíblicos, como é o caso de “servo” para *δοῦλος* [transl. *dûlos*], “evangelho” para *εὐαγγέλιον* [transl. *euaggèlion*] e “gentios” para *ἔθνησιν* [transl. *éthnesin*]. Além disso, a colocação de palavras com iniciais maiúsculas em termos como “Escrituras Sagradas”, “Filho” e “Senhor” é uma interpretação que sugere significados teológicos ao leitor.

A tradução recentemente realizada pelo filólogo português Frederico Lourenço (2018) é a mais literal das que foram analisadas. Além de se preocupar com a correspondência de cada palavra na língua de chegada, essa tradução opta pelas palavras “escravo” [greg. *δοῦλος*; transl. *dûlos*], “boanova” [greg. *εὐαγγέλιον*; transl. *euaggèlion*] e “nações” [greg. *ἔθνησιν*; transl. *ethnesin*], que são as principais acepções de cada um dos termos gregos, os quais são traduzidos de outras formas pela maioria das outras versões como veremos a seguir. Além disso, Lourenço (2018) evita o uso de artigos definidos em lugares que na língua grega teríamos artigos indefinidos. Quando é necessário, por causa do estilo, ele coloca o artigo definido entre chaves para indicar que não faz parte do texto original, como já dissemos.

Já a *Nova Bíblia Pastoral* (2014) opta pelo vocábulo dotado de peso teológico “evangelho” quando precisa verter para a língua portuguesa o termo *εὐαγγέλιον* [transl. *euaggèlion*]. Além disso, repete esse termo no versículo 2, isso é, quando no texto em língua grega aparece o pronome

relativo ὃ [transl. *hò*], a *Pastoral* (2014) substitui-o pela palavra “evangelho”, que tinha acabado de aparecer no texto. O recurso é plausível, mas é uma opção que ressalta o termo evangelho aos leitores.

Também destacamos na *Pastoral* (2014) que a palavra “σπέρμα” é traduzida por “descendência” (v.3). Nesse caso, opta-se pelo sentido metafórico ao invés do literal, sendo que o literal esclareceria melhor o sentido do texto para qualquer leitor de língua portuguesa. Se o autor pretendesse expressar “descendência”, poderia ter usado um termo em língua grega que está mais atrelado a esse significado, pois há vários disponíveis no idioma helênico.

Outrossim, essa tradução da Bíblia traduz ἔθνεσιν [transl. *éthnesin*] por “nações” e inclui o verbo “conduzir”, ausente no grego, antes de “à obediência” [greg. εἰς ὑπακοήν; transl. *eis hupakoèn*], o que parece esclarecer a intenção do apostolado que Paulo recebeu de Jesus Cristo. Esses são recursos tipicamente explicativos, que acrescentam termos na linha de chegada para auxiliar os leitores à custa da literalidade.

A *Bíblia do Peregrino* (2017) tem a declarada intenção de destacar a perspectiva semítica em sua tradução, por isso é a única, de todas as que analisamos, que substitui “Cristo”, que é a vernaculização de Χριστός [transl. *Christós*], por “Messias”. Tanto em um caso quanto em outro as opções de tradução tratam-se de termos teológicos, a diferença é que o primeiro é um termo grego, e o segundo é semítico. De acordo com a perspectiva de tradução de Luis Alonso Shökel (2017), editor da *Bíblia do Peregrino*, a opção de tradução é compreensível, mas devemos estar conscientes de que é estranho traduzir uma palavra de origem grega, Χριστός [transl. *Christós*], por uma de origem semítica, משיח [transl. *Meshiah*], quando o uso da palavra grega já foi assimilado em língua portuguesa pela sua versão vernácula “Cristo”. Nesse caso, o original sentido tanto de uma palavra quanto de outra é “ungido”, mas esse significado original que está relacionado com a etimologia

do termo não é a melhor opção de tradução porque, quando utiliza a palavra em Romanos, Paulo não quer expressar que Jesus é ungido no sentido literal, de ter sido ritualmente untado, recebido óleo sobre sua cabeça, etc., ao invés disso, tanto Cristo quanto Messias são carregados de simbolismo e valor teológico próprio que adquiriram com o passar do tempo, por isso entendemos que seria melhor vernaculizar a palavra do que traduzi-la. Os autores do Novo Testamento conheciam as línguas semíticas; se quisesse, Paulo poderia ter registrado a palavra *Meshiah* com caracteres do grego, como fez o evangelista João (1.41, 4.25). Se o autor optou pela palavra grega, deve-se mantê-la ou traduzi-la para “ungido” (caso queira ser literalista), mas não substituí-la pela sua correspondente hebraica.

Notamos também na *Bíblia do Peregrino* (2017), que ao invés de traduzir literalmente a apresentação feita por Paulo no primeiro versículo de Romanos, nessa tradução inclui-se a preposição “de” antes do nome Paulo (“De Paulo”). Assim coloca em segundo lugar o nome do apóstolo que figura como primeira palavra no texto em língua original. Com esse recurso a *Bíblia do Peregrino* (2007) pretende explicitar que o conteúdo que vem a seguir foi escrito por Paulo, mas deve ser dito que ao proceder assim traduz o nominativo Παῦλος [transl. *Paulos*] pelo genitivo “de Paulo”, que não aparece em grego. Mais uma vez, entendemos que se essa fosse a intenção do apóstolo, ele teria escrito “τοῦ Παύλου” onde se lê simplesmente “Παῦλος”. Nesse caso, a carta segue padrões epistolares da época, de acordo com os quais a correspondência deve começar pela menção ao nome do remetente; a alteração feita pela *Bíblia do Peregrino* (2007) não modifica o sentido, mas afasta sintaticamente as palavras da tradução das palavras do texto grego, assim como altera o padrão de correspondência apostólica, o “*apostólikon*” (BERGER, 1998, p. 244)

Destacamos, além disso, que na *Bíblia do Peregrino* (2017), no versículo 6, opta-se pela não recomendada tradução de ἔθνεσιν [transl. *ethnesin*] por

“povos”, termo cujo correspondente em língua grega é λαοῖς [transl. *laois*]. Em outro momento ocorre de se optar pela inclusão de um verbo para proporcionar uma tradução explicativa a uma oração de estrutura lacunar, escrita ao estilo semítico, que é frequentemente usado pelos autores do Novo Testamento, isso acontece quando o verbo “anunciar” é colocado entre εἰς e εὐαγγέλιον [transl. *eis - euaggélion*] (v.1). Em outro momento realiza-se a tradução “responder com fé”, onde literalmente deveria estar “obediência de fé [greg. ὑπακοήν πίστεως; transl. *hypakoèn pístēōs*]. Também nesse caso o objetivo é realizar uma tradução explicativa, o que ocorre mais uma vez no versículo 4, com “Nascido fisicamente da linhagem de Davi”. Chamamos atenção para o fato de, apesar do objetivo da *Bíblia do Peregrino* (2007) ser o de oferecer uma perspectiva de leitura semítica tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, ao realizar uma tradução explicativa, a linguagem lacunar, apesar de ser a mais marcante das características da língua semítica que transparece no grego bíblico, acaba sendo ignorada pelos seus editores.

A *Bíblia de Jerusalém* (2002) também é explicativa no sentido em que mencionamos acima, e assim omite o estilo semítico. Observamos isso em pelo menos em dois momentos: em primeiro lugar, ao incluir a preposição “para” antes do verbo “anunciar” no versículo 1; em segundo lugar quando insere o pronome possessivo “sua”, para se referir a ressurreição dos mortos de Jesus, que, todavia, é presumida pelo genitivo da língua grega, no versículo 4.

Nessa tradução, chama atenção a opção da palavra ao mesmo tempo metafórica e erudita “estirpe” para traduzir σπέρμα [transl. *spérma*] (v.3), o que afasta qualquer possibilidade de suscitar nos leitores leigos e sem cultura erudita a relação genealógica concreta, e não apenas simbólica, de Jesus com Davi.

É interessante o uso que *A Bíblia de Jerusalém* (2002) faz da palavra “missão”, em que a maioria dos outros tradutores foram literalistas ao optarem por “apostolado” [greg. ἀποστολήν; transl. *apostolèn*] (v. 5). O

apostolado no sentido grego é, de fato, uma missão, um comissionamento, pois “apóstolo” não tinha adquirido o sentido religioso que viria a ganhar posteriormente com a história do desenvolvimento da instituição cristã no mundo ocidental.

Por fim, e para isso não encontrei justificativa exegética em lugar algum, no versículo 5, *A Bíblia de Jerusalém* (2002) insere a palavra “louvor” (...para louvor de seu nome) quando o texto grego traz simplesmente “pelo seu nome” ou “pelo nome dele” [greg. ὑπὲρ τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ; transl. *hypèr toû onómatos autoû*].

A TEB, Tradução Ecumênica da Bíblia (2004), é ainda mais explicativa que as duas mencionadas anteriormente, pois, assim como a *Bíblia de Jerusalém* (2002), também usa o pronome possessivo “sua” no versículo 4, mas acrescenta que a ressurreição foi “de entre os mortos” [greg. ἀναστάσεως νεκρῶν; transl. *anastáseôs nekrôn*], o que na maioria das outras aparece apenas como “dos mortos”, pois em grego não há preposição que possa ser traduzida por “entre”. Além desses, há vários outros recursos explicativos: como o de incluir uma combinação de preposição mais verbo de ligação, “a ser”, antes de apóstolo (v.1); insere o pronome “este” antes de evangelho (v.1); propõe “posto à parte” para traduzir o particípio ἀφωρισμένος [transl. *aphorisménos*], que na maioria das outras traduções é vertido por uma só palavra, o particípio “separado”, que lhe corresponde melhor; também propõe “por ele”, quando a tradução literal seria “por meio do qual” [greg. δι’ οὗ; transl. *di’ hû*]; na sequência há a fórmula “graça de ser apóstolo” para traduzir ἀποστολήν [transl. *apostolèn*] (v.5); traduz ἐν πᾶσιν τοῖς ἔθνεσιν [transl. *en pâsin toîs éthnesin*] (v.7) por “todos os povos que são pagãos”, nesse caso dando margem para que o termo ἔθνεσιν [transl. *éthnesin*], que claramente se refere à origem étnica, possa ser confundido com a identidade religiosa das pessoas não judias, como se o texto quisesse inferir que essas

peças são pagãs no que diz respeito à religiosidade. Por fim, “Estirpe” (v.3) também aparece na TEB (2004).

As versões João Ferreira de Almeida, tendem a combinar literalidade e língua erudita em suas opções de tradução, como vemos pela utilização de “gentes” na JFARC (1981) e “gentios” na JFRA (1999), no versículo 5; mas tanto uma quanto outra versão da Almeida incluem a preposição “para” no versículo 1, antes de apóstolo. A JFARC coloca “para” em itálico supostamente para indicar que a preposição não está no texto grego, enquanto a JFRA (1999), na verdade, inclui “para ser”. Ambas optam, provavelmente por motivos teológicos, por “descendência” no versículo 3 ao invés de “semente”. Diferenciado na JFA (1999) é a tradução do pronome relativo “nos quais” por “de cujo número” (v. 6). Não achamos justificativa alguma para a JFARA (1999) incluir “por amor” antes de “seu nome” no versículo 5.

Reiteramos que nenhuma anotação foi encontrada no rodapé da 28ª edição crítica do Novo Testamento Nestlé-Aland nem motivo fundamentado, quer na linguística ou nas culturas dos povos bíblicos, que justificassem a existência de “amor” no versículo 5, conforme JFARA (1999), nem “louvor” na *Bíblia de Jerusalém* (2002).

A NVI, *Nova Versão Internacional* (2003), tem a intenção de oferecer uma tradução cuja linguagem está próxima daquela falada pelas pessoas no cotidiano, e, para que seu projeto seja realizado, essa versão da Bíblia opta por uma tradução explicativa, que em nossa opinião às vezes exagera.

O versículo 3 é uma evidência de seu exagero na intromissão que faz no texto. Note que traduzir “como homem era descendente de Davi” para “*τοῦ γενομένου ἐκ σπέρματος Δαυὶδ κατὰ σάρκα*” [transl. *tô genoménu ek spérmatos David kata sarka*] certamente é desproporcional. A preocupação teológica dessa opção de tradução é evidente, a intenção claramente é aludir que Jesus tinha uma natureza “como homem” e outra “como Deus”, que não está explícita, mas o leitor catequizado é levado a concluir isso, porque faz

parte da cristologia ortodoxa desenvolvida nos concílios ecumênicos que ocorreriam nos séculos futuros. Trata-se, portanto, de um anacronismo pressupor que Paulo entendia Jesus Cristo “como homem” e “como divino”.

Tratando ainda da NVI (2003), note que no versículo 5, “por causa de seu nome” é a tradução de: ὑπὲρ τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ [transl. *Hypèr tû onómatos*]. Apesar de estar no fim do versículo, a tradução coloca ao lado de “Por meio dele” [transl. δι’ οὗ; *di’ hû*]. Não há problema em alterar a ordem dos elementos, mas sim em transformar em causa, na língua portuguesa, aquilo que era mediação no texto grego. Colocar o verbo “chamar” e o sintagma nominal “um povo” nesse versículo é forçar a barra para preencher as lacunas tipicamente semíticas. Podemos considerar a mesma coisa sobre o verbo “pertencerem” que aparece no versículo 6.

A *Bíblia Ave Maria* (2017), que também pretende ser uma tradução acessível a todos os públicos, com uma linguagem próxima à do cotidiano, faz algo interessante em sua tradução do versículo 3, “descendente de Davi quanto à carne”: apesar de não trazer a palavra σπέρμα [transl. *spérma*] para a língua portuguesa como “semente”, mantém a palavra “carne”, já que várias traduções citadas anteriormente substituíram por termos como homem, humano etc. Por outro lado, não nos parece tão interessante assim a tradução forçosa do versículo 5: “levar em seu nome a todas as nações pagãs à obediência na fé”, pois traduzir ἔθνησιν [*éthnesin*] por “nações pagãs” é atribuir simultaneamente sentido étnico e religioso à palavra para adequá-la à visão de mundo cristã de épocas posteriores que vê a possibilidade de nomear as religiões e tradições culturais dos antigos povos europeus com o mesmo termo “pagão”.

Quanto à NTLH, não vale a pena nos desgastarmos na realização de comentários sobre ela, porque não é uma tradução; antes trata-se de uma paráfrase da Bíblia. Apenas destacamos que nessa versão, o remente da Carta

aos Romanos, que está registrado no primeiro versículo, foi transformado em um discurso direto, e na sua sequência está o restante do conteúdo, que continua escrito em uma espécie de discurso direto supersimplificado, evitando-se as subordinações que estão no texto grego. No restante, basta dizer que na NTLH a perícopa de Romanos 1.1-7 está repleta de termos que não têm correspondentes no texto grego, substantivos como: “santidade divina”, “honra” (v. 3-4), “serviço” e “povo” (v. 7); e verbos como: “escrevo”, “chamou”, “anuncie” (v. 1), “provou” (v. 3-4), “deu”, “crerem” (v. 5) e “escrevo” (v. 7).

Comentário sobre o exercício de comparação das traduções

O que mais se destaca nas traduções da Bíblia para a língua portuguesa são os modelos explicativos que fazem com que o texto em língua portuguesa tenha lacunas da linguagem semítica que subjaz o grego koinê dos autores bíblicos preenchidas por termos que não estão nos textos do Novo Testamento. Isso acontece porque nas línguas semíticas, como hebraico e aramaico, prevalecem as estruturas nominais. Não há subordinação, nem variedade de preposições.

Os primeiros cristãos, apesar de escreverem em grego, tinham o aramaico como língua de nascimento, e os textos que eles escreviam acabavam sendo influenciados por essa estrutura de língua que fazia parte do pensamento deles. Os preenchimentos das lacunas com explicações que são feitas nas traduções para a língua portuguesa acabam interferindo nas estruturas dos textos e nos sentidos de certas palavras.

Ao comparar as traduções desse texto, notaremos que a ideologia, isto é, o conjunto de valores compartilhados por um determinado grupo da sociedade em uma determinada época da história, faz muita diferença no momento em que os tradutores realizam suas opções de tradução. Isso fica

claro pelo modo como é constrangedor para as traduções tradicionais da Bíblia em língua portuguesa verter a palavra grega *dûlos* [greg. δοῦλος] para a nossa língua a partir de sua primeira acepção, que é “escravo” (LEITE, 2020).

Essa dificuldade em assumir o sentido verdadeiro da palavra está diretamente relacionada com a triste realidade da escravidão na história das sociedades ocidentais, a qual, inclusive, foi legitimada pela maioria dos cristãos, tanto católicos quanto protestantes, até o século XIX, quiça em época posterior de modo menos deliberado, mas também real, por meio da segregação racial em sociedades pós-escravagistas.

Mesmo depois da abolição da escravidão dos negros, a sociedade segregadora se sentia constrangida em reconhecer que Paulo se apresentava em suas cartas como “escravo”, provavelmente por isso preferia traduzir a palavra δοῦλος [transl. *dûlos*] por “servo”, que, sem dúvida, aqui é colocada como um eufemismo da palavra que substitui.

Se Paulo e até mesmo Jesus, além de outros cristãos, fossem denominados “escravos”, isso significaria que aqueles que sofreram os efeitos da escravidão na sociedade moderna eram semelhantes aos primeiros cristãos. A burguesia, detentora dos meios de produção, que, nesse caso, inclui, por exemplo, as imprensas evangélicas desde o século XVI (época em que a tradução de João Ferreira de Almeida começou a ser publicada), não se sente confortável assumindo isso.

Para qualquer pessoa escolarizada, a diferença entre os significados das palavras “servo” e “escravo” é evidente, pois o escravo é um objeto de seu senhor, enquanto o servo é livre para buscar outro senhoril. Além disso, a palavra “servo” refere-se a uma classe social da Idade Média, época na qual a escravidão foi proibida na Europa. Enquanto isso, o Império Romano, onde surgiu o cristianismo, tinha a maioria absoluta de sua população composta de escravos.

Nota-se também que as traduções lidas tendem a manter sem tradução os termos que foram consagrados pela Teologia, como é o caso da palavra evangelho, que é a vernaculização de εὐαγγέλιον [trad. *euaggelion*]. Apesar de as traduções optarem por “aportuguesar” essa palavra grega, “boa-nova”, “boa-notícia”, “bom-anúncio” ou alguma outra possibilidade de tradução semelhante, ela, caso fosse usada, deixaria o significado do texto mais claro para o leitor leigo que desconhece o significado específico de “evangelho”. Ainda devemos levar em conta que essa palavra tinha um significado específico no contexto em que foi escrita e, após muitos anos, depois de incorporada à língua portuguesa, adquiriu outro. Pela leitura de “evangelho” ninguém presume que Paulo fala de boa-notícia.

Parece ser um problema mais grave dos tradutores a tentativa de manter oculto o significado de certas palavras, o que fazem por meio do oferecimento de traduções que, por serem palavras eruditas, acabam escamoteando o sentido do termo grego que foi traduzido para português. Os tradutores fazem isso quando a palavra grega pode entrar em choque com uma doutrina da Igreja Cristã contemporânea que parece não ser presumida pelo autor do texto bíblico.

Por estranho que pareça isso acontece quando verificamos que a expressão “semente de Davi segundo a carne” é traduzida por: “descendência de Davi segundo a carne”; ou “nascido fisicamente da linhagem de Davi”; ou ainda quando colocam a palavra erudita “estirpe” no lugar da palavra mais conhecida por leitores indoutos “semente”; já que a palavra grega σπέρμα [*spérma*] significa literalmente “semente”, e apenas metaforicamente estirpe. Então, por que o tradutor opta pela segunda possibilidade, o que, todavia, não deixa claro o que o texto quer dizer para as pessoas simples que leem a Bíblia?

Nesse sentido, o caso que mais chama atenção são as opções feitas pela *Nova Tradução Linguagem de Hoje* (2017), que é uma edição que se mostra excessivamente explicativa quando coloca “[...] como ser humano, foi

descendente de Davi”, dando a entender anacronicamente que a dupla natureza de Cristo (totalmente humano e totalmente divino) era presumida pelo apóstolo Paulo. Apesar disso, sabe-se muito bem que essa doutrina é de 451 d.C, quando foi aprovada pelo Concílio de Calcedônia. A *Nova Versão Internacional* (2003) também segue a mesma perspectiva.

A dificuldade em traduzir essa expressão que se repara na maioria das edições de nossas Bíblias está relacionada com o fato de que sua tradução literal evidenciará que Paulo não tinha consciência da doutrina do nascimento virginal de Jesus Cristo, mas, ao invés disso, ele supunha que Jesus era semente de Davi, ou seja, estava ligado geneticamente (apesar de soar anacrônico o uso desse termo) a Davi. Assumir isso é indesejado para certos grupos conservadores, que muitas vezes administram casas publicadoras de Bíblias e se preocupam mais com o conservadorismo doutrinal do que com a descoberta que o acesso à língua original pode proporcionar.

A palavra ἔθνος [éthnys], cujo primeiro significado é “nação” (embora também possa ser traduzida de outras formas), acabou se cristalizando no vocabulário cristão como “gentil”, “gente” ou “pagão”. É verdade que as duas primeiras opções servem para traduzir a palavra cujo significado estamos discutindo, mas se a opção utilizada for “nação”, poder-se-á aplicar essa opção de tradução a muito mais casos de textos gregos. Enquanto isso, as opções “gente” e “gentil” não são cabíveis em todos os casos que a palavra aparece no Novo Testamento.

Já no que se refere à opção de tradução “pagão”, essa realmente não é uma boa escolha, pois o termo “pagão” chega à língua portuguesa via latim eclesiástico, idioma no qual *pagus* é o habitante da floresta, ao qual se conjectura que seja adepto de uma das religiões nativas, chamadas pelo termo generalizador e pejorativo: “paganismo”. Desde o início da evangelização cristã da Europa, esse termo foi associado à idolatria pelos cristãos. O

problema é que o termo “pagão” qualifica tanto a origem de alguém que não é nascido na Judeia quanto a sua religião; diga-se de passagem, refere-se pejorativamente à religião daquele que não é judeu nem cristão, porque acaba sendo válido no uso corriqueiro para designar todos os que não são monoteístas.

No grego antigo, o termo ἔθνη [éthnys] significa nação, como já nos referimos acima, mas na utilização que o Novo Testamento faz dessa palavra o vocábulo serve também para designar toda a nação que não é a Judeia. De acordo com essa compreensão, todas as nações são pagãs, exceto a dos judeus. A questão é que manter a palavra “pagão” na tradução é insistir em uma visão de mundo que em certo sentido manifesta um sentimento preconceituoso, que pode ser compreensível nas sociedades do Mundo Antigo, mas é difícil de se compreender na contemporaneidade, em que religiosos deveriam prezar pela tolerância, diálogo interreligioso e ecumenismo e não religiosos pela tolerância e civilidade. A tradução gente ou gentil é erudita, por isso oculta o sentido “nação” para leitores mais humildes de nosso tempo.

Considerações finais

Ao longo do exercício crítico que acabamos de realizar sobre as traduções da Bíblia para a língua portuguesa, a partir da perícopes de Romanos 1.1-7, verificamos que várias das opções de tradução analisadas não se justificam linguisticamente; antes, são consequência de perspectivas, as quais nomeamos como literal, erudita, teológica e explicativa, que são procedimentos ideológicos aplicados ao texto pelo exercício de tradução.

Nenhuma tradução está isenta de ideologia, nos termos que apresentamos aqui, quanto a isso não há crítica alguma às perspectivas das traduções. O que se pode observar de um ponto de vista crítico é quando as

perspectivas se sobrepõem à linguística, isto é, quando o projeto ideológico é mais importante para o tradutor do que verter o texto de uma língua para outra de modo tão fiel quanto possível.

A análise feita ressalta a importância do exercício da exegese acadêmica em nossos dias, assim como é importante o acesso às línguas bíblicas, o que infelizmente tem sido escasso nos ambientes universitários atuais. Isso significa que, se não for por meio desses conhecimentos, exegese e acesso à língua original, não será possível identificar quando as perspectivas de tradução procedem com manipulação deliberada sobre seus leitores em geral.

Referências

Edições da Bíblia

- A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA de Estudo Nvi. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- BÍBLIA do Peregrino. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2017.
- BÍBLIA Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos. 8. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2017.
- BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA Sagrada. Trad. de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1981.
- BÍBLIA Sagrada. Nova Tradução Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.
- BÍBLIA. Volume II: Novo Testamento – Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Tradução do grego, apresentação e notas Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BÍBLIA. Tradução Ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- NESTLE, Eberhard *et al.* (eds.). *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NOVA Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

NOVO Testamento Interlinear. Grego - Português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

Livros e artigos acadêmicos

BERGER, K. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. Trad. de Fredericus Antonius Stein. 23. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

CARDOSO, J. R. C. *Defesa da credibilidade do evangelho de Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1996.

FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993. (Série Princípios).

KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento*. Vol. 2 – História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

LEITE, F. B. O sofrimento do “escravo” de Yahweh. *Reveleto*, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 81- 91, jul./dez. 2020.

VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. Trad. de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2005.

VOUGA, R. A Epístola aos Romanos. In: MARGUERAT, D. [org.]. *Novo Testamento: História, escritura e teologia*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.207-232.

WALLACE, D. B. *Gramática Grega: Uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009.

RECEBIDO: 16/06/2022
APROVADO: 20/07/2022

RECEIVED: 06/16/2022
APPROVED: 07/20/2022